"É importante nunca travar relação com os outros homens senão por meio de Deus e nunca com Deus por meio dos outros homens."

regras da vida cotidiana

Louis Lavelle

Dir-nos-ão talvez que o termo "espiritualidade" é vago ou equívoco. As coisas da alma não se deixam definir facilmente. Mas devemos, apesar de tudo, tentar fazê-lo.

Num sentido especificamente religioso, e até puramente cristão, a espiritualidade é a acolhida da graça na alma crente, e a própria maneira como esta acolhida pode ser representada e expressa em termos teológicos ou pastorais. Desse ponto de vista, São Bernardo e Mestre Eckhart foram e continuam a ser os mestres incontestes do sermão espiritual.

Mas, num sentido puramente filosófico, a espiritualidade consiste no esforço sobre si mesmo que provoca a reflexão, em particular quando ela transforma a personalidade e a eleva moralmente. É nesse sentido que Michel Foucault podia dizer que se encontra em numerosas filosofias modernas "certa estrutura de espiritualidade" que "tenta ligar o conhecimento, o ato de conhecimento, as condições deste ato de conhecimento e seus efeitos a uma transformação no ser mesmo do sujeito".

A espiritualidade filosófica de Lavelle é próxima desta concepção, em que a busca do saber e a escrita são a trama da vida cotidiana.

Louis Lavelle nasceu em 15 de julho de 1883 em Saint-Martin de Villeréal (Lot-et-Garonne) e morreu em Parranquet, perto de seu povoado natal, em 1º de setembro de 1951. Seu pai era professor primário e sua mãe possuía uma pequena fazenda. Os pensadores desta região – Montaigne, Fénelon, Maine de Biran – permaneceram toda a vida particularmente caros a ele. Ele deixa o Périgord com os pais com a idade de sete anos e prossegue seus estudos em Amiens e Saint-Étienne.

Bolsista da Faculdade de Lyon, entusiasma-se com o pensamento de Nietzsche, participa de manifestações libertárias, mas assiste a muito poucas matérias. Após diversas suplências em Laon – período durante o qual teve oportunidade de assistir, em Paris,

regras da vida cotidiana

Impresso no Brasil, junho de 2011

Título original: *Règles de la Vie Quotidienne*
Copyright © Éditions Arfuyen, Paris

Os direitos desta edição pertencem a
É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Caixa Postal: 45321 · 04010 970 · São Paulo SP
Telefax: (11) 5572 5363
e@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Editor
Edson Manoel de Oliveira Filho

Gerente editorial
Bete Abreu

Preparação de texto
Alyne Azuma

Revisão
Carla Montagner

Capa
Mauricio Nisi Gonçalves e Cido Gonçalves

Projeto gráfico e diagramação
Mauricio Nisi Gonçalves / André Cavalcante Gimenez - Estudio É

Pré-impressão e impressão
Cromosete Gráfica e Editora

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução desta edição
por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica,
fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução,
sem permissão expressa do editor.

regras da vida cotidiana

LOUIS LAVELLE

PREFÁCIO DE JEAN-LOUIS VIEILLARD-BARON

Tradução
Carlos Nougué

Realizações
Editora

SUMÁRIO

Prefácio 9

1. O uso das regras 21
2. A atitude geral 25
3. Regras fundamentais 29
4. Regras de comportamento com relação aos outros homens 33
5. Regras da inteligência 39
6. Ser inteiro no que se faz 45
7. Regras da medida 51
8. Regras do uso do corpo, da saúde e da doença 55
9. O amor-próprio 59
10. Sobre as preocupações 63
11. O hábito 67
12. Relações com os outros homens 73
13. Bastar-se 77
14. Saber dispor do próprio espírito 79
15. Projeto de título: Uma facilidade difícil 83

16. A ocasião 89
17. Regras da unidade 91
18. A conversão do querer em intelecto 95
19. A disciplina do desejo 99
20. Regras com relação aos outros homens 103
21. Regras da sensibilidade 109

Nota biográfica 115
Nota da editora francesa sobre o presente texto 119

Louis Lavelle (julho de 1883 - setembro de 1951)

PREFÁCIO

Uma Espiritualidade Filosófica

A atualidade e a originalidade da obra de Louis Lavelle encerram-se em duas palavras: espiritualidade filosófica. Com efeito, nenhum filósofo do século XX apresentou como ele o que é uma espiritualidade propriamente filosófica, ou seja, uma reflexão racional que eleva a alma e a põe em face da beleza e da bondade superiores.

Não se trata de uma espiritualidade religiosa, como a que caracteriza os grandes santos, um São Bernardo de Claraval ou um São Francisco de Sales, por exemplo. Poder-se-ia dizer que o único predecessor de Lavelle é Nicolas Malebranche (1638-1715), contemporâneo de Luís XIV; e Lavelle reconheceu sua dívida para com esse filósofo. É preciso destacar ainda que o padre Malebranche visa expressamente a reconciliar a fé cristã e a *démarche* racional, enquanto Lavelle não é um filósofo explicitamente religioso, embora o cristianismo esteja muito amiúde presente como pano de fundo de seu pensamento.

Mas, precisamente, a atualidade de Lavelle decorre de ele propor ao homem de hoje em busca de alimentos para a alma uma espiritualidade que não supõe nenhuma fé

religiosa, nenhum envolvimento particular em determinada confissão. Essa espiritualidade filosófica, que já era a de Platão, foi renovada por Lavelle, e as *Regras da Vida Cotidiana*, que ele havia escrito para seu próprio uso como um "livro de razão", são disso um maravilhoso testemunho.

Dir-nos-ão talvez que o termo "espiritualidade" é vago ou equívoco. As coisas da alma não se deixam definir facilmente. Mas devemos, apesar de tudo, tentar fazê-lo.

Num sentido especificamente religioso, e até puramente cristão, a espiritualidade é a acolhida da graça na alma crente, e a própria maneira como essa acolhida pode ser representada e expressa em termos teológicos ou pastorais. Desse ponto de vista, São Bernardo e Mestre Eckhart foram e continuam a ser os mestres incontestes do sermão espiritual.

Mas, num sentido puramente filosófico, a espiritualidade consiste no esforço sobre si mesmo que provoca a reflexão, e em particular quando ela transforma a personalidade e a eleva moralmente. É nesse sentido que Michel Foucault podia dizer que se encontra em numerosas filosofias modernas "certa estrutura de espiritualidade" que "tenta ligar o conhecimento, o ato de conhecimento, as condições desse ato de conhecimento e seus efeitos a uma transformação no ser mesmo do sujeito".

A espiritualidade filosófica de Lavelle é próxima dessa concepção, em que a busca do saber e a escrita são a trama da vida cotidiana.

Das regras para a vida cotidiana

Poderíamos perguntar-nos se, nas curtas notas que se seguem, Lavelle não imita os manuais da vida cristã em que simplesmente se enunciam regras por seguir para levar uma vida conforme com o Evangelho.

Na prática da vida religiosa, a direção espiritual implicava que se dessem regras ao discípulo. O beneditino Louis de Blois escreveu, no século XVI, uma *Regra da Vida Espiritual* e um *Manual dos Humildes* que eram manuais de espiritualidade, como os *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola. Certamente, Lavelle conhecia bem a literatura espiritual, em particular São Francisco de Sales, Bérulle e Malebranche. Mas não os repete; ele está impregnado deles, e deles extrai seu sentido filosófico.

Por que dar regras para seguir na vida cotidiana?

Trata-se de uma posição filosófica que é um verdadeiro engajamento. Não se deve deixar a cotidianidade ao abandono; é preciso transformá-la espiritualizando-a. Contrariamente ao que afirma Heidegger em *Ser e Tempo*

(1927), o cotidiano não é o reino do impessoal, do "se" indeterminador do sujeito e da loquacidade superficial. Antes de Heidegger, Bergson, que amava o excepcional, o genial, o heroico, havia feito uma severa crítica ao caráter convencional do eu social, que ele chama de "o eu superficial".

Mas, para Lavelle, o papel do filósofo não é contentar-se com criticar a vida cotidiana por ser uma vida repetitiva, pobre de sentido, despojada de todo interesse. É preciso buscar regras para a vida cotidiana, a fim de tentar escapar à superficialidade, sabendo ver a profundidade real do menor gesto cotidiano.

Husserl viu profundamente que essa vida cotidiana, que ele chama de *Lebenswelt*, ou seja, o mundo da vida, é de fato o essencial, pois é o sol de toda experiência, e é somente a partir dela que uma racionalidade científica é possível. Mais metafísico, Bergson diz que nossa vivência (ou nossa consciência pessoal) é temporal, que ela é da ordem da duração, e que sem essa duração qualitativa, irredutível e incontornável, nenhum conhecimento quantitativo, objetivo, nenhuma ciência exata, nenhuma ciência aproximada, nem sequer nenhuma ciência lassa seria possível. Mas há em Husserl e em Bergson (exatos contemporâneos, de uma geração anterior à de Étienne Gilson e Louis Lavelle) um resto de positivismo. Com

Lavelle, esse elemento positivista desaparece, e a reflexão filosófica aparece como uma conversão interior à realidade viva do espírito.

Em nosso mundo bárbaro, o pensamento de Lavelle traz uma luz de esperança. Ele nos mostra que cada um tem seu gênio próprio, que, porém, é preciso saber descobrir; ele nos ensina que a santidade não é uma elevação moral reservada a uma elite, mas é acessível a todos. A obra-prima de reflexão moral de Lavelle, *L'Erreur de Narcisse* [O Erro de Narciso], contém belas páginas sobre a vocação. O fracasso da vida cotidiana pode ser precisamente o fracasso de um homem que passa ao largo de sua vocação própria.

Mas, dir-se-á, tais análises não seriam de outra época? Eu creio, ao contrário, que são mais atuais que nunca. Nós assistimos todos os dias ao desastre moral de nossa sociedade, quando vemos a extrema ascendência que exercem sobre a juventude os espetáculos mais vulgares, quando nos vemos diante do culto exacerbado da aparência, da moda da roupa, da beleza do corpo considerada como único horizonte. Se os jornalistas refletem bem as correntes dominantes da sociedade, então se deve reconhecer que o homem de hoje tem uma psicologia amorosa rudimentar, que é idólatra de sua própria imagem, o que é exatamente o erro do narcisismo, e que se comunica

de maneira muito pobre com o outro, inclusive no que julga ser o amor. A televisão oferece em imagens vivas o espetáculo dessa miséria moral, dessa pobreza e dessa grosseria afetivas.

As *Regras da Vida Cotidiana* são uma forma de aprofundar nossa experiência de todos os dias, de dar-lhe um sentido e ao mesmo tempo de purificá-la. Essa elevação da cotidianidade não é somente um exercício espiritual e moral. É o próprio sentido da metafísica. Em sua obra sobre *Le Mal et la Souffrance* [O Mal e o Sofrimento], Lavelle explica que "a metafísica nos ensina somente a perceber o sentido, a dignidade e o valor dos sentimentos mais comuns".

Da humildade e da quietude

A humildade é a primeira regra. Nada de sublime na vida cotidiana. Não buscar a sublimidade, mas, ao contrário, consagrar-se inteiramente, com todas as forças, aos trabalhos mais humildes. A vaidade, o amor-próprio, aí está a grande doença da alma que nos torna surdos ao chamado do espírito.

A Seção 6 das reflexões que compõem este livro se intitula, de modo muito significativo, "Ser Inteiro no Que

Se Faz (Atividade do Espírito)". Eis por que o filósofo considera a justo título o método de seu trabalho, ou seja, as regras do pensamento, como regras de vida. Escrever é uma higiene do espírito; e a humildade é de regra, pois a escrita é uma atividade solitária, e só muito tempo depois é que se percebe nos outros o eco do que se escreveu.

A Seção 9 trata do amor-próprio. É um assunto de reflexão favorito de Lavelle. Para ele, a ambição é perigosa. Não devemos comparar-nos aos outros nem ter olhar para nós mesmos. A humildade nos ensina o consentimento. Com efeito, a crispação da vontade é uma tendência daninha; nunca o esforço deve ser buscado por si mesmo. Devemos esforçar-nos por não fazer esforço. Tal é o paradoxo da quietude, ou do repouso da alma. A verdadeira alegria é um puro relaxamento. Lavelle rejeita implicitamente todo voluntarismo moral ("Tu deves porque deves", escrevia Kant); ele está muito mais próximo dos místicos renanos e da entrega a Deus que eles chamavam de *Gelassenheit*.

Uma grande serenidade banha a filosofia de Lavelle, que não conhece nada de rupturas trágicas à maneira de um Pascal ou de um Kierkegaard. As regras de vida devem permitir-nos viver na luz de Deus como em nosso próprio elemento. Não querer, mas consentir. Consentir em não querer para ouvir a voz de Deus e os chamados do

espírito. Fazer o vazio em si mesmo deixando de lado as preocupações, aí está a verdadeira quietude.

A atenção ao cotidiano, a recusa ao voluntarismo, o consentimento à presença, esses são temas que aproximam Lavelle do taoísmo e de seus exercícios espirituais. Mas não se deve ir demasiado longe nesse sentido, pois Lavelle pressupõe a religião cristã, conquanto busque não fazer apologia dela. E os quadros de seu pensamento permanecem puramente ocidentais. Mas este Ocidente não é o do frenesi ativista que vemos diante de nossos olhos na luz própria de sua incultura e de sua ausência de referências.

Dois contemporâneos de Lavelle, Michele F. Sciacca, o grande filósofo italiano de Gênova, e Jean Guitton, o pensador católico recentemente falecido, contam uma mesma história: para encontrar Lavelle, tiveram de ir a um convento onde ele fazia retiro, perto de Avignon. E lá o filósofo refletia no silêncio e na solidão, sobre os quais escreveu belas páginas meditativas.

É graças ao silêncio e mediante a solidão que nós entramos em verdadeira comunicação com o outro. É preciso que se calem os barulhos da cidade e todas as agitações inúteis. Graças ao retiro silencioso, a vontade pode converter-se em pensamento, e podemos ter acesso ao mundo dos espíritos.

A verdadeira comunidade espiritual é o lugar propriamente místico do pensamento de Lavelle: é que o "comércio dos espíritos" define a seus olhos um espaço espiritual que é a promessa dada à nossa esperança. E em nossa vida cotidiana, para progressivamente alcançar essa comunicação que é a vida do espírito, "é importante nunca travar relação com os outros homens senão por meio de Deus e nunca com Deus por meio dos outros homens".

Jean-Louis Vieillard-Baron

REGRAS DA VIDA COTIDIANA

1

O USO DAS REGRAS

É tão difícil fazer bom uso das regras quanto fazer bom uso dos livros.

Pois o apelo aos livros é mais frequentemente um apelo à memória presente e disponível, assim como o apelo às regras é um apelo a um mecanismo cujo funcionamento é assegurado. As regras, como os livros, são auxílios que não devem ser desprezados; elas devem sugerir certos movimentos do pensamento, mas não substituí-lo.

***

O objetivo da reflexão deve ser formular um pequeno número de regras da vida, que porém são tais que muito poucos homens têm suficiente força para fazer uso constante delas, isto é, não somente em alguns raros momentos em que a vontade se renova e se estende, mas por uma espécie de disposição insensível da alma em que ela nos estabelece, e que se acompanha de uma luz em que a necessidade e a liberdade se confundem.

A eficácia das regras se funde antes num exercício da atenção do que numa repetição de uma prática.

***

A única regra é manter um bom estado moral sem preocupação excessiva com o poder dado pela técnica ou com a natureza do objeto tal como nos é oferecido. Pois um bom estado moral dispõe de um poder que ultrapassa o da técnica e chama para si o objeto que mais lhe convenha.

A quem fizesse uma censura de quietismo, seria preciso dizer que tal implica descobrir e pôr em ação a atividade mais sutil e mais profunda, de que a vontade nunca é senão uma imitação hesitante e grosseira.

***

É preciso voltar a essas regras cotidianas da noite e da manhã que nos obrigam ao exame de consciência e ao bom propósito, mas com a condição de ultrapassarem todos os atos particulares e darem à luz essas potências da alma que se ocultam quase sempre, e cujo permanente despertar depende de um ato contínuo de nossa atenção.

***

No começo do dia, trata-se somente de se firmar na intenção. E no fim, quando tudo se tornou efeito, trata-se não de gemer com respeito à distância que separa dela, mas de encontrar nesse efeito mesmo um excedente que a aprofunde.

***

Jamais devemos interrogar-nos sobre o que devemos fazer; temos, isto sim, de nos firmar nessa pura intenção espiritual que nos mostrará quando for preciso o que devemos fazer sem que tenhamos de deliberá-lo.

Pois a vontade é um ato do espírito que se aplica ao espírito mesmo e não às coisas, e que, quando é o que deve ser, se traduz como devido nas coisas.

***

Não era mau o conselho dado pelos epicuristas de decorar as máximas fundamentais, mas para tê-las sempre presentes e disponíveis sem esforço e na própria forma como foram descobertas ao percebermos sua verdade espiritual pela primeira vez.

Isso é indispensável para seres que vivem no tempo e que estão sempre prestes a esquecer o melhor de si mesmos. Nunca é inútil para um autor reler suas próprias obras.

***

É preciso que o exame de consciência de cada noite seja um meio de ter um sono tranquilo pelo purificar-se das preocupações do dia, pois elas permanecem vivas e

não cessam de nos perturbar quando tememos precisamente trazê-las até a luz da consciência.

O papel da consciência não é, como se pensa, produzir em nós insegurança e angústia; é, como o do sol, aclarar e purificar, e tranquilizar-nos.

2

A ATITUDE GERAL

Precisamos conseguir que nossas intenções coincidam sempre com nossos gostos e com nossa vocação, e levar cada intenção até o ponto último, ou seja, até o absoluto. Mas, para isso, precisamos não ter intenções particulares: não há senão os efeitos de particulares; eles se seguem sempre à intenção e dão sua medida.

O único meio de ser forte é jamais subordinar o que se é, ou seja, o que se pensa, o que se diz ou o que se faz, a uma preocupação particular ou a um fim temporal.

Eles é que devem seguir-me, e não eu a eles.

***

Manter um justo meio entre a frieza e a exaltação, ou seja, a perfeição desses dois estados ao mesmo tempo.

***

Jamais se aplicar a problemas apresentados de fora e por outros, mas sempre a problemas apresentados de dentro e por nós mesmos.

E, na medida em que isso é possível, seja na ordem do conhecimento, seja na ordem do comportamento, não colocar problemas nem criá-los para si.

***

Nunca falar de si, nunca pensar em si. Isso distrai e enfraquece. Todo pensamento, toda ação deve ser orientada para um objeto e ter esse objeto como fim.

***

Tentar sempre permanecer instalado no cimo de si mesmo, lá onde estão os pensamentos mais elevados e as intenções mais puras.

***

Permanecer familiar, ao mesmo tempo nas palavras e nas ações, a dois ou três pensamentos essenciais de que tudo o mais depende.

E, após se ter feito contato com eles, deixar que a natureza faça tudo.

***

Precisamos agir sempre com uma livre espontaneidade, o que não é possível – pois de outro modo a reflexão não cessaria de nos turbar – sem que nossa ação

tenha naturalmente por fonte as partes mais elevadas de nós mesmos.

***

É preciso ser flexível como um cipó, mas, como ele, impossível de romper, e ser suave como uma superfície perfeitamente polida, mas perfeitamente dura.

***

Ser limpo, ou seja, ser puro, mas de uma pureza que se preserva de todas as manchas.

***

Nunca se dedicar senão a grandes coisas, ou às pequenas em função das grandes e jamais por si mesmas. E as grandes são as que interessam à minha vida inteira e que contribuem para determinar o sentido de meu destino.

***

O repouso na atividade.

3

REGRAS FUNDAMENTAIS

É preciso que o espírito esteja sempre desperto; que ele não se deixe adormecer pela preguiça ou pela memória, nem se distrair pelo medo ou pelo desejo; que ele nunca deixe introduzir-se nele nenhum intervalo que o separe de si mesmo; que não haja nele fórmula repetida por ele nem hábito a que ele se confie; que ele ignore igualmente o passado e o futuro; que ele sempre esteja pronto para escutar e para acolher tudo o que se oferece à sua atenção, quer provenha de seu próprio fundo, quer lhe venha de fora.

***

Não temos necessidade de regras particulares: basta, diz o povo, que a moral seja boa. E cada um sabe em que consiste essa boa moral, tanto quando a possui como quando a perdeu. Sabe menos como adquiri-la, ou seja, como mantê-la quando a tem e como encontrá-la quando não a tem. Aí está o objeto próprio da sabedoria.

Só podemos tentar defini-la: uma ausência de desejo e de amor-próprio, uma presença e uma resposta a tudo o que me é oferecido, uma alegria de existir que me eleva

acima de todos os modos da existência e que não se deixa distrair pelo instante nem nostalgia do passado, nem pela esperança ou pelo medo do futuro.

Liberdade

Mais vale entregar-se à espontaneidade e ao gosto mesmo do prazer do que escutar esse falso raciocínio que nos desvia do presente e procura sempre no futuro o caminho do interesse. Nunca se deve falar nem agir como um mercenário. O egoísmo e a espontaneidade não devem ser confundidos.

Não há egoísmo que não comporte algum cálculo, não há espontaneidade que não comporte alguma nobreza. E o próprio gosto do prazer não é sem desinteresse. Resistir ao egoísmo é encontrar em si uma espontaneidade nativa, anterior a todos os cálculos, e fora de si um contato direto com a realidade que o interesse nunca permite.

Esse laço imediato entre a espontaneidade e a realidade, tal é a própria essência da sinceridade. A partir do momento em que a reflexão se interpõe entre elas e em que o indivíduo pensa em seu próprio bem, a sinceridade começa a se alterar.

Uma atividade que ultrapassa o querer

Toda a dificuldade reside em liberar em si uma atividade ao mesmo tempo mais segura, mais pujante e mais fácil que o querer, à qual se evita recorrer e cujo funcionamento incomoda porque com ele se mescla o amor-próprio, que se recusa a renunciar a si e a consentir numa ação que ele é incapaz de reivindicar.

***

Tudo se torna fácil (ler, memorizar, fazer e agir) quando, em vez de buscarmos adquirir algum bem exterior que quereríamos fazer nosso, não se encontra em nós senão o exercício de uma potência da alma que já o pressentia e até o encerrava em si e cuja livre ação ele encarna.

***

Jamais buscar o remédio para o esforço no repouso, mas numa atividade mais livre e mais pura.

***

Não há força maior que encontrar nos pontos mais essenciais, em toda a sua luz, as afirmações mais comuns da humanidade. Elas permanecem como fórmulas vãs e banais se não saem do fundo de nós mesmos como se fôssemos nós mesmos quem as tivesse inventado.

Deve parecer-nos, ao mesmo tempo, que nós sempre as soubemos e que as encontramos pela primeira vez. Mas é estéril começar por tomá-las de fora acreditando que é possível em seguida reavivá-las dando-lhes uma espécie de calor emprestado.

***

Não ter olhar senão para o interior e não para o exterior, para o que é, não para o que deve ser, e abolir assim a consideração de todos os fins. E o que se chama fim, em vez de ser o objeto da vontade, deve ser a consequência de uma disposição interior em que nos estabelecemos, e que nos basta.

4

REGRAS DE COMPORTAMENTO COM RELAÇÃO AOS OUTROS HOMENS

Nunca devemos buscar defender-nos, mas sim converter e, se preciso, converter-nos.

***

Podemos recusar-nos à luta quando ela se oferece a nós: mas é preciso que isso não se dê por indiferença, preguiça, egoísmo ou desprezo, nem sequer por essa separação e esse ensimesmamento em que se quer permanecer num face a face com Deus.

É preciso que se dê por uma espécie de vitória já adquirida da verdade, à qual basta mostrar-se para vencer, sem necessidade de atacar nem de se defender.

***

Há palavras que são pronunciadas com a simples intenção de agir sobre os outros homens e de produzir algum efeito: o que sucede também quando se escreve. Elas não têm valor: as únicas palavras que contam são as pronunciadas tendo em vista a verdade e não o resultado.

Elas excluem qualquer intenção de enganar, mesmo por bondade. Elas não produzem nada que não seja excelente, pois respeitam a ordem do mundo e convocam todos os homens a tomar lugar nele.

***

É preciso não ambicionar nada: a ambição enfraquece, deixa você à mercê dos outros homens. Você é logo contestado. Mas às vezes há algo de desprezo em recusar tudo o que lhe pedem que aceite sem que você o tenha ambicionado, sem que você o deseje.

***

Nunca ter relação com coisas, mas só com pessoas, nem ter em vista o objeto de que se fala, mas as pessoas a que se fala ou de que se fala.

***

A influência que podemos exercer sobre os outros provém do que somos capazes de lhes sugerir. Ela não se dá sem certa indeterminação que devemos deixar para o nosso próprio pensamento, que tem necessidade de se rematar numa invenção real ou possível.

Ela desperta uma emoção que ela mesma deixa em suspenso, e o que comunica ao outro é a ideia de um ato e não a posse de um estado.

O papel das palavras é exprimir um movimento do pensamento e da vida que sempre ultrapassa seu próprio conteúdo.

Amor-próprio

O verdadeiro mérito não se demora em disputar com os homens para exigir que o reconheçam. Ele não sofre se é esquecido. É o amor-próprio que sofre por isso, mas o amor-próprio não é o mérito. Aquele se junta a este para corrompê-lo. É o único que quer saborear uma recompensa a que não tem nenhum direito.

***

Falar sempre aos outros seres do que lhes interessa e nunca do que me interessa e que os deixe indiferentes ou os irrite.

***

Os dois problemas fundamentais nas relações com os outros seres são, primeiro, produzir o amor pelo querer, e, segundo, explicar essa estranha inversão que faz que as satisfações que eu desprezo quando se trata de mim se tornem boas a partir do momento em que eu busque dá-la aos outros. Aí está o problema mais difícil de toda a química da consciência.

***

Há duas máximas que parecem contraditórias e que, no entanto, constituem apenas uma.

A primeira é jamais pensar no público, pois a verdade nos escapa se não pensamos nela, mas na opinião que os outros possam ter dela.

A segunda é não pensar senão no público, pois a verdade só vale por sua eficácia espiritual, ou seja, por esse ato que há nela e que, produzindo minha própria comunicação com o todo, produz também uma comunicação entre todos os seres.

***

Não basta aprender a ser sempre o que se consegue ser às vezes. Mas não basta sê-lo consigo mesmo – é preciso sê-lo também com os outros.

São os homens mais vulgares que buscam sempre parecer melhores do que são, ou seja, dar aos outros o que eles não podem dar a si mesmos. Mas eles não enganam ninguém. São como os que buscam oferecer um bem que não possuem.

Os melhores homens, porém, sofrem por se sentir melhores na solidão do que em sociedade e por não poder ser tão liberais com os outros homens quanto o são consigo mesmos.

Seria preciso que a companhia dos outros homens, longe de nos arrancar da solidão, viesse, por assim dizer, confirmá-la e aprofundá-la e fizesse uma solidão do espírito da pura solidão do eu. Ela nos daria então, por meio de nossa comunhão com outro ser, essa presença de Deus que pensamos possuir quando éramos únicos, mas sem jamais estarmos seguros de fornecer nós mesmos ao mesmo tempo a pergunta e a resposta.

Não devemos, portanto, sentir-nos perturbados quando vamos para o meio dos homens, como acontece a todos os tímidos, que buscam então uma nova maneira de viver. Devemos somente velar para não perder o curso natural da solidão.

***

Nada mais humilhante que experimentarmos sentimentos de bondade e de amor com relação a outros homens quando estamos sozinhos que se transformam em impaciência e em hostilidade no momento em que os encontramos.

Mas esses sentimentos que preenchem nossa solidão não exprimem nada mais que virtualidades que se revelam a nós para testemunhar a impotência em que estamos por jamais ter a experiência de sua realidade. E a solidão não tem necessidade de tanta boa vontade quando a simples visão do próximo nos abre o coração.

***

O círculo em que podemos ter comunicações reais com outros seres é muito estreito: não se deve buscar ampliá-lo indefinidamente. Aqui só a qualidade importa.

Numa comunicação real com um único ser, já estão contidas as relações de todos os homens entre si.

5

REGRAS DA INTELIGÊNCIA

Deve-se buscar sempre a inteligência e não o inteligível, e não ter olhar senão para o ato do pensamento e não para seu objeto.

***

A única coisa que importa é o contato com a verdade. E o difícil é mantê-lo renunciando, se preciso, ao talento, que sempre busca adorná-la e a trai amiúde.

***

A regra essencial é evitar o repouso da atenção.

***

Que nenhum trabalho do espírito pareça um dever nem uma exposição do que se sabe; que seja sempre uma criação e uma descoberta.

***

Todo o problema da palavra (e da inteligência) é encontrar certos nós da inspiração.

***

A verdadeira inteligência nunca se fixa senão nas relações.

***

Não é necessário ter muitos conhecimentos, mas é necessário manter a cada instante a livre disposição de si mesmo e o frescor da invenção natural. Tudo depende do que eu possa dar no instante presente, e diante de circunstâncias que eu nunca pude prever.

***

Não se deve adquirir o conhecimento como se adquire uma coisa que ocupe momentaneamente um lugar em nossa memória. Um conhecimento não é nada se ele não se transforma em algo que nos modifique. Assim, ao contrário do que se crê, o conhecimento nunca é senão um meio, não um objetivo; e o objetivo é descobrir por meio dele uma das potências de nossa vida secreta.

***

Só aprender por desígnio aquilo de que temos necessidade para o emprego de nossa atividade temporal; mas não recusar nenhum dos conhecimentos que se oferecem, pondo sempre os espirituais acima dos materiais e tentando unir estes àqueles.

***

Não se trata de adquirir conhecimentos de que nos esqueçamos, que não podem estar sempre presentes, e justo no momento em que temos necessidade deles, ou em circunstâncias que de modo algum se repetem. Devemos preocupar-nos em manter uma atenção desperta e sempre de tal modo disponível que sempre se volte para o todo do ser e nunca para mim.

***

Obter do real uma visão muito simples, que acuse, em vez de ofuscar, o número e a complexidade dos detalhes.

***

Não se demorar numa visão que se acaba de obter com a intenção de nada deixar escapar. Pois, insistindo nela, obscurece-se pouco a pouco sua luz. É preciso deixar para o pensamento seu movimento e seu funcionamento e não demandar aos esforços da vontade que nos deem do real essa revelação que não se pode esperar senão de um contato espontâneo com ele, frágil e quase evanescente.

***

Evitar o esforço que, pressionando nosso pensamento, lhe obstrua o caminho. O pensamento é um movimento espontâneo e sutil, e é preciso descobrir e respeitar seu livre funcionamento e não forçá-lo; ele está para além do

querer e do amor-próprio, para além de mim mesmo, e resiste à sua solicitação. É no momento em que o querer e o amor-próprio se eclipsam que ele surge.

***

Não há nada mais artificial e mais vão que o esforço que se faz para manter a coerência dos pensamentos.

Essa coerência, que é efeito do querer e do mesmo amor-próprio, há que temê-la e não sacrificar nada a ela. Essa identidade a que o homem se obriga não é mais que obra do homem.

Sem dúvida a identidade é uma espécie de expressão temporal da própria unidade do Todo. Mas essa unidade do Todo nunca é dada ao homem. Por isso ele não tem de se preocupar com a identidade quando está seguro de ter-se estabelecido na realidade mesma do Todo.

Sem dúvida, ele jamais terá do Todo mais que visões particulares e separadas, mas não cabe a ele realizar entre elas, laboriosamente, um acordo que ele nem sempre percebe.

Através de suas disparidades e até de suas contradições aparentes, a identidade se revelará para seu espírito tal como é realizada nas coisas; bastará para isso que ele adquira a respeito delas um número cada vez maior de

visões intermediárias que restabelecerão pouco a pouco a continuidade rompida.

***

Não há mais que um pecado contra o espírito: a recusa a escutar sua voz. Então o pensamento é inteiramente ensurdecido pelo tumulto do corpo.

Regras da expressão

Não se deve rejeitar nem desprezar a aparência, que é também a manifestação ou a expressão. Pois há solidariedade entre a aparência e o que ela mostra.

Exige-se que a aparência seja fiel, o que já nos obriga a uma disciplina estrita; pois no esforço que fazemos para torná-la fiel está a própria ideia que buscamos circunscrever, ou seja, formar. E é admirável que aqui a palavra "definição" não pareça designar nada mais que a proposição pela qual eu formulo o sentido da ideia por meio de palavras, mas que é também o ato pelo qual tomo posse dele e o crio dentro de mim.

Uma ideia tem necessidade de se realizar no exterior para poder sê-lo no interior, porque do contrário ela vacila e se extingue. Ela precisa tomar forma para ser, e é esta

forma que a faz ser. Há que dizer precisamente que ela é informe quando não consegue dar-se uma forma.

Mas é preciso que essa fidelidade pela qual se busca obter a conformidade, ou seja, a identidade entre a ideia e a forma, ou seja, essa fidelidade pela qual se busca dar um corpo à ideia que também lhe dá a existência e a vida, é preciso que ela se transforme para nós em beleza. Pois a exigência de beleza na forma é o testemunho na própria ideia desse valor secreto que a torna digna ao mesmo tempo de ser pensada, querida e amada.

***

Não devemos buscar tornar-nos semelhantes a um espelho que achata as coisas e termina por nos cegar. É aquele que traz no espírito os maiores pensamentos que percebe o real com mais resplendor e relevo.

***

É próprio da inteligência representativa sempre perceber as coisas como num espelho.

6

SER INTEIRO NO QUE SE FAZ (ATIVIDADE DO ESPÍRITO)

O trabalho mais humilde exige todas as nossas forças, todo o nosso gênio e toda a nossa razão. É como o gesto elementar do sacerdócio em que a presença divina é permanente.

***

O espírito é um ato contínuo. Assim que ele relaxa, assim que ele cede à ociosidade, abre-se o interstício, a fenda pela qual se introduz o amor-próprio com todas as doenças da alma e do corpo. Mas o sábio não tem tempo nem lugar para ficar doente.

Aquele que tortura o amor-próprio pensa que seu espírito está ativo, enquanto na verdade ele está retido e como que paralisado pelo eu individual e é propriamente incapaz de agir, ou seja, de sair de si mesmo e se comunicar com o Todo. É no tempo em que ele se encerra em si mesmo que a doença se aproveita de seu isolamento, o penetra e o consome.

***

Não é preciso que o objeto mais alto de minha reflexão possa ser destacado de minha vida mais familiar. É ele que a nutre, eu o levo sempre comigo e em mim.

De outro modo, ele mesmo não passa de um artifício. E eu mesmo nunca tomo completamente consciência do que faço.

Purificação

Quer a higiene que eu renuncie prontamente a todo pensamento cuja natureza ou é ser vago, ou é exigir de mim um esforço, ou, ainda, é produzir sempre um mal-estar da consciência.

Não fazemos nossa parte com respeito ao pensamento. Pois ele não é uma forma particular de nossa atividade que possamos umas vezes abandonar e outras retomar. Ele é o todo de nós mesmos: preenche toda a capacidade de nosso ser.

Não o podemos opor ao trabalho nem à diversão porque ele governa nosso comportamento inteiro, dá sua luz, seu sentido e sua própria alegria a tudo o que faço: ao trabalho, à diversão, à palavra, ao caminhar, ao beber e ao comer, ao amor e talvez até ao sono.

Regras da inteligência

Não devemos forçar nosso espírito a que produza sempre alguma ideia nova. Passa sempre um grandíssimo número delas por ele: mais valeria dizer que nos basta estar à espreita e espiá-las para surpreendê-las quando se oferecem, retê-las sob o olhar e entregar-nos a seu livre movimento sem ter nenhuma outra preocupação. Por si mesmas elas nos levarão mais longe do que teriam podido fazer todos os nossos esforços por suscitá-las e regrar-lhes o curso.

***

Há uma luz que vem de Deus e que é semelhante à luz do dia, e outra que vem do homem e que é semelhante à de nossas lâmpadas. Quem vê a primeira não tem necessidade da outra, mas quem crê dispor da segunda pensa que não há outra.

***

As regras para a direção do pensamento são regras para a direção da vida: elas não têm interesse senão na medida em que a própria vida deve ser regrada pelo pensamento.

***

O valor e a própria existência de nossas ideias só podem ser percebidos pelos que se parecem conosco; todos

os outros as veem como se fossem bobagens ou quimeras, mesmo que nosso espírito se nutra delas e veja nelas a única realidade.

***

Há apenas uma regra: permanecermos sempre unidos a este vasto universo, ou antes, ao ato de que ele procede, mas de tal maneira que nos limitemos a assumir, por assim dizer, a responsabilidade em todos os trabalhos particulares que teremos de cumprir.

Então todos os nossos pensamentos, todas as nossas ações, todas as nossas relações com nós mesmos e com os outros homens adquirem extraordinário relevo.

Do contrário, sucede que eles nos enfadam; a ociosidade e o amor-próprio fazem relaxar e corrompem a todas.

***

É preciso que nosso pensamento nunca perca de vista o Todo de que fazemos parte e de que nos encarregamos, mas esse pensamento jamais pode ser posto em obra nua senão em criações particulares.

Precisamos ser capazes de juntar a uma meditação contínua sobre o ato eterno de que o mundo depende a ação mais adaptada, em cada instante, às circunstâncias que nos são oferecidas.

***

O pensamento não pode ser considerado o fim de nossa vida: é preciso que ele mesmo tenha um objeto ou um conteúdo.

Mas só captaremos toda a sua dignidade se fizermos dele o princípio, o centro e o foco de onde irradiam e onde se fixam todos os motivos que nos fazem agir.

7

REGRAS DA MEDIDA

Toda a dificuldade reside em encontrar este equilíbrio interior que é a condição mesma do equilíbrio entre o mundo e mim; mas eu não posso manter-me nele, e não o encontro senão para abandoná-lo.

***

A vida da consciência é uma oscilação indefinida em torno de um ponto de equilíbrio sem cessar superado e reencontrado, sem que nenhum dos extremos possa ser considerado senão como uma razão para recorrer ao outro a fim que eles se liguem entre si num vai e vem que nunca se interrompe.

***

Toda a dificuldade reside em encontrar o ponto em que o gênio se alia à razão e em estabelecer-se nele.

***

Há uma medida que vem da falta de força e uma medida que vem do aumento de força, estando os extremos presentes em nós ao mesmo tempo, mas estando nós mesmos acima deles e sabendo dominá-los, isto é, impedindo-os de nos dominar.

***

É a natureza mais generosa a que guarda melhor a medida e evita por si mesma todas as extrapolações, a extrapolação no presente com relação ao que ela sabe ou ao que ela tem (ou seja, as fantasias relativas a outro mundo, particularmente a um futuro que se pensa já possuir).

***

Demasiadas ideias ou demasiado poucas ideias extenuam igualmente o pensamento e estorvam seu funcionamento. O difícil é guardar sempre a justa proporção entre a diversidade das ideias e a unidade do pensamento de modo que elas possam impunemente multiplicar-se sem perder seu lugar e seu valor.

Regras pessoais da composição literária

Não alimentar o pensamento senão com ideias eternas, não o deixar realizar senão operações espirituais puras, independentes do tempo e do lugar, mas encontrar prontamente um exemplo presente em que elas se convertam não em atos vivos, mas em imagens.

***

Cada objeto de pensamento é um objeto de meditação eterna ao qual voltamos nos diferentes momentos do tempo: é preciso recolher em diferentes cadernos todas essas pinceladas dispersas cuja reunião formará uma vasta paisagem.

***

A ordem das partes releva-se-nos também numa espécie de fulgor, de tal modo, que não há contradição entre a composição sistemática e as notações dispersas. A descoberta da ordem é a do germe de que procedem todos os nossos pensamentos ou do nó que os liga.

Num pensamento vivo situado no instante em que se cumpre a ligação do temporal e do eterno, esses dois processos convergem e devem ser utilizados ao mesmo tempo.

***

Nunca devemos fundar instituição ou escola visível de que nos tornemos um dia prisioneiros.

A verdade, desde o momento em que foi encontrada, deve ser manifestada não somente porque ela não nos pertence e porque somos parte do conjunto da humanidade, mas também porque é o único meio de não a deixarmos escapar e de fazê-la nossa deixando-nos comprometer por ela.

8

REGRAS DO USO DO CORPO, DA SAÚDE E DA DOENÇA

O perigo para todo ser doente é ser de todo retido pelo corpo ou por essa sensibilidade a si mesmo que é uma espécie de ternura do corpo.

Quem é sadio esquece seu corpo, se une ao mundo que o rodeia, olha para o céu acima de sua cabeça e se ocupa de seus afazeres.

***

Não se deve recusar à natureza o que ela pede, de maneira a evitar que a vontade nunca entre em disputa com ela. Mas é preciso esperar que ela o peça, não lho oferecer, e jamais instar-lhe. De outro modo, é então que começa a concupiscência.

Regras do uso dos sentidos

Que eles sejam silenciosos, mas ágeis e expeditos, sempre prontos para se deixar comover.

Que não se recusem a nada, e não se deixem vencer por nada, sempre prontos para receber tudo e para espiritualizar tudo.

Regras do movimento e do repouso

Buscar o repouso no próprio movimento, o único meio para que nem um nem outro sejam nunca uma fuga.

O pensamento do corpo é uma preocupação de que é preciso livrar-se como de todas as preocupações porque ela interrompe a vida do espírito.

A regra aqui será não se preocupar com a vida do corpo, que não depende de nós, mas com a vida do espírito, que não tem existência senão pelo consentimento que lhe damos e que provê de cuidados a outra por uma espécie de excedente, pois é preciso que ela suponha a outra para se tornar capaz de promovê-la.

Regras da vocação particular

Não devemos ter medo de desenvolver todas as potências de nossa natureza individual, sem procurar imitar outro, nem procurar realizar em nós uma espécie de modelo comum e anônimo.

Ninguém deve arrefecer esse ardor de ser ele mesmo, a única coisa que pode justificar o lugar de cada ser no mundo.

O que não somos, os outros o serão, e o conjunto da humanidade é a acumulação de todas as diferenças, o que não implica seu nivelamento.

***

A maior parte dos homens sempre age em razão do corpo e como se o corpo devesse ser o objeto único de seus cuidados. Mas é o contrário o que é preciso fazer. É preciso agir sempre por meio do corpo, mas como se o corpo devesse desaparecer e em razão do que sobrevive ao corpo.

9

O AMOR-PRÓPRIO

A vontade e a ambição nem sempre favorecem os grandes empreendimentos porque elas nos impedem de escutar os chamados interiores e substituem a voz de Deus por todas as sugestões do amor-próprio.

***

Nunca devemos obstinar-nos em pensar ou em escrever quando temos necessidade para tal de um esforço que faz aparecer a impotência de nosso gênio próprio para encontrar quer ideias, quer o laço que as une. Pois tal esforço permanece estéril e aumenta nossas trevas.

Mas há certo movimento natural do espírito que precisamos ser capazes de descobrir para nos confiar a ele sem resistir-lhe. O próprio da vontade é saber distinguir tal movimento de todos os impulsos menos puros que sempre corremos o risco de confundir com ele. É que não há nada que não devamos fazer por dom antes que por escolha.

Só então tudo se torna para nós fácil, vivo, ardente e eficaz. Basta, para isso, mostrarmos bastante atenção a nós mesmo e confiança no que se oferece. É a própria inteligência que se exerce em nós quase sem nós: já não é o eu que tenta conduzi-la e, por assim dizer, forçá-la.

Então nada é impossível para nós e somos capazes de aprender tudo, mesmo as línguas mais difíceis.

***

É igualmente verdadeiro dizer que não há força senão ali onde há em nós uma perfeita frieza – ou seja, uma perfeita indiferença com relação a todos os acontecimentos exteriores e a todos os sentimentos que eles podem despertar no amor-próprio, de maneira a conservar em nós a faculdade de julgar – e ao mesmo tempo esse extremo ardor interior que, para erguer em nós uma chama pura, deve cegar todas as aberturas por onde surgem todas as preocupações do egoísmo ou do mundo que a dispersam e a corrompem.

***

Nunca olhar para trás para desfrutar do fruto da ação, ou da ciência que se possui. Todo esse desfrute está envenenado. Pois só há uma alegria que seja pura; mas ela se liga ao ato e não a seus efeitos.

Inteligência

A arte mais fina não reside na habilidade das construções lógicas, mas em certo contato que se espera manter sempre com o real.

***

Temos de romper com a ciência que não olha senão para o objeto, com a história que não olha senão para o passado, e depositar toda confiança na psicologia que nos faz conhecer no instante presente a relação entre nosso eu e o universo.

Diversão

Lemos, vamos ao teatro, buscamos ter um discurso seguido, corremos para as diversões quando não temos força para conversar com nós mesmos ou com os amigos para encontrar uma verdade que cresceu sobre nosso próprio fundo e que nos cabe por à prova a cada instante na situação mesma que a vida nos preparou.

Vocação

Barrès diz em *L'Ennemi des Lois* que se trata somente de dar à nossa vida um objetivo que absorva toda a nossa atividade e se harmonize com a nossa faculdade de sentir.

***

Não há senão uma regra: permanecer em estado de constante atenção, que é uma constante resposta, ou seja, um consentimento constante a tudo o que a vida nos pede.

10

SOBRE AS PREOCUPAÇÕES

Não nos devemos deixar desviar da ação presente ou das relações imediatas com o próximo por nenhuma preocupação, mesmo do pensamento puro. Ou antes, não devemos ter senão uma só preocupação para com o Todo, que envolve todas as nossas *démarches* particulares.

É assim que daremos a cada uma delas o seu desempenho mais pujante, o mais livre e o mais eficaz.

***

Não podemos dedicar-nos ao particular como tal sem ter o sentimento de sua imperfeição e sem despender muito esforço. Tampouco basta o pensamento do Todo, pois ele pode nos deixar ociosos com relação ao Todo e a cada parte do Todo.

Mas é em acordo vivo com o Todo que cumprimos melhor nossas obrigações em cada ponto sem parecer tê-lo querido.

***

Banir toda preocupação e ter o espírito vazio e não cheio de pensamentos. Então a atividade do espírito se

exerce livremente: e os pensamentos de que ele tem necessidade se apresentam em seu lugar e na luz conveniente. (É isso o que nos leva a pôr a ignorância acima da ciência, o que quer dizer preferir a toda ciência adquirida uma ciência sempre possível e renascente.)

***

Numa vida constantemente ocupada, também temos a preocupação do repouso. Há ocasiões para o repouso como as há para a ação, e não se deve estar menos atento a reconhecê-las nem a responder a elas.

Não devemos querer modificar as condições de nossa vida material, como faz a maior parte dos homens, mas, qualquer que seja a situação em que nos encontremos, temos de estar seguros de poder encontrar sempre essa inspiração espiritual de que depende a cada instante nossa potência e nossa felicidade.

O uso das regras

Os homens passam a vida a buscar caminhos novos. E, no entanto, eles esperam tudo do método, da regra. Não cessam de querer reformar sua vida, depositam toda a sua esperança no futuro. Requerem mestres que lhes ensinem uma forma inusual de se conduzir.

Mas não é amanhã que se deve agir, mas imediatamente depois. E cada um dispõe de suficiente luz para saber no mesmo instante o que deve fazer. Se alguma ocasião nova que ele não havia previsto se oferece de pronto à sua atividade, que ele não se preocupe hoje em saber como responderá a ela amanhã.

A cada dia basta o seu cuidado. Ele saberá como deve agir se não se desvia da via da ação por realizar para buscar uma regra miraculosa que ele aplicaria tarde demais, quando a ocasião para agir já teria passado. A preocupação com as regras é a morte da ação, assim como a preocupação com o método é a morte da ciência.

Pode, pois, parecer vão ter preparadas regras perfeitas que nunca serão exatamente adequadas às condições em que as devemos aplicar. Isso não quer dizer que as regras não tenham utilidade; elas não são receitas para agir, mas essa espécie de chamamento a nós mesmos de nossa atividade mais pura, cujo exercício permanece sempre novo.

A frequentação de um sábio ou de um homem de ciência fortifica e nutre nosso espírito, e o exemplo de seu êxito nos ensinará a ter êxito, mas por meios imprevisíveis que não convêm senão ao nosso próprio espírito e de que eles não podem dar-nos o segredo.

11

O HÁBITO

Não deixar que se embote pelo hábito o senso da novidade da vida e a emoção que é inseparável dele.

***

Livrar-nos tão bem de todos os hábitos da sensibilidade ou da inteligência, que possamos sempre olhar tudo o que se nos oferece, em nós e fora de nós, como se o víssemos pela primeira vez.

E essa regra poderia aplicar-se igualmente à descoberta de minha própria existência, ao espetáculo das coisas, ao encontro de outro ser.

***

No entanto, para que seja eficaz, não basta que a regra seja percebida por nós como um clarão em alguns momentos privilegiados de nossa vida. É preciso que ela produza uma disposição permanente de nossa alma, semelhante à que os escolásticos chamavam de *habitus* e de que o hábito, por uma espécie de decadência natural do pensamento e da linguagem, parece de algum modo a negação.

Pois essa disposição da alma, longe de produzir uma disposição mecânica de que estamos, por assim dizer, ausentes, é um ato de presença verdadeiro, o mais perfeito, o mais puro e, tal que, se parece contínua, é porque ela mesma é subtraída à lei do tempo. De modo que, quando surge uma ocasião de pô-lo em prática, ele se cumpre quase como se não o tivéssemos querido.

***

Há, aqui, duas operações opostas cujos efeitos, porém, se parecem: pois, por um lado e por outro, se encontra uma espontaneidade que aniquila o esforço e todo intervalo que separa a intenção do êxito. Só no hábito mecânico experimentamos um movimento de onde a consciência se retirou. E no outro é a própria consciência que parece agir sozinha por uma espécie de graça que lhe é natural.

***

Tanto Descartes como Pascal insistem no papel do exercício, em que este teve em vista o hábito mecânico destinado a preparar essa disposição permanente da alma que nos liberta; aí estão duas espécies de atividades adquiridas entre as quais ele estabelece uma subordinação, sendo uma o degrau da outra, em vez de se contradizerem.

Era esse também o sentimento de Descartes, que pensava que o esforço essencial da vida é saber manter no tempo, por meio da repetição, as intuições do instante. O próprio tempo se encontra, assim, suspenso da eternidade e parece, por assim dizer, abolido ao menos numa espécie de limite que não conseguimos compreender completamente.

***

Uns têm necessidade do obstáculo para vencê-lo, enquanto outros a têm do hábito para que os sustente. Mas é tentando encontrar a tendência ali onde ela desperta a vontade sem se transformar ainda em hábito que se conserva para a vida de todos os instantes sua virtude criadora, sua juventude e seu frescor.

***

Não é vão repetir as mesmas coisas – senão para os que não veem nelas mais que um vão objeto de curiosidade – quando se trata de máximas de que é preciso sempre se lembrar e em que jamais devemos deixar de nos firmar. Na verdade, nunca repetimos suficientemente para nós mesmos as coisas de que estamos seguros se queremos que elas nos penetrem e se tornem nossa carne e nosso sangue. Por todo o tempo em que delas temos consciência, elas permanecem um objeto destacado de nós.

O livre funcionamento do espírito (regras do esforço)

O esforço afaga nosso amor-próprio, e nós fundamos nele nosso mérito. Mas é por isso também que, onde quer que apareça, ele é a marca de nossos limites e de nossa imperfeição. Também se está de acordo em geral em pensar que é preciso perseguir o esforço até que todo rastro de esforço termine por desaparecer.

É que toda obra que procede apenas do homem parece produto do artifício. Não se encontra nela o desembaraço soberano da espontaneidade criadora. E acontece que o esforço é como uma pantalha que a impede de passar, ao passo que seu papel é não o de substituí-la, mas o de lhe abrir passagem livrando-a de todos os obstáculos que a retêm e, quando ela parece, eclipsar-se diante dela.

Assim, o papel do esforço é, se se quiser, negativo e não positivo. Não é o de fazer, mas o de deixar fazer a uma potência que nos ultrapassa, e de livrá-la de tudo o que em nós a impede de fazer.

É somente nesse sentido que o esforço é sempre um combate: é, se se pode dizer, um combate contra nós mesmos.

***

O esforço nos introduz no tempo não somente pelo obstáculo que vem da matéria, mas também por uma espécie de brusquidão que nos arranca da continuidade indivisa de nossa vida interior, a qual é a unidade mesma de nossa alma (e que sempre corre o risco, é verdade, de se transformar numa complacência sonhadora).

***

Não se deve instar ao pensamento, mas deixá-lo vir em sua hora e prestar-lhe tão somente um ouvido atento. É buscando não pensar que pensamos, e é não buscando ser profundos que somos profundos.

***

Não nos devemos obrigar a trabalhar para reunir antes de tudo certo número de condições que nos sejam favoráveis: o conforto, a solidão, certas condições materiais, um excelente laboratório, uma biblioteca bem composta.

Primeiro adiar o exercício do pensamento até o momento em todos esses meios estejam em nossas mãos. E, quando eles já estão em nossas mãos, espantamo-nos de ele não se produzir. Mas é que o esperamos como se ele devesse vir-nos de fora. Ora, o espírito se encontra então lançado fora de si mesmo, incapaz de realizar esse recolhimento e essa posse de si sem os quais ele já não é nada.

***

O homem que não dispõe de nenhum meio dispõe inteiramente de si. E aquele que dispõe de todos os meios deposita neles toda a sua confiança e já não dispõe de si.

***

Nunca a desconfiança com relação ao esforço deve ser maior do que quando se trata da memória. Não há obra mais vã que buscar reter o passado que foge de nós.

Mas não poderíamos consegui-lo. O que guardamos é uma coisa e não um pensamento, ou uma nostalgia estéril de um passado que já não é.

O que vale a pena reter é o que amamos, e sempre temos força para produzi-lo.

12

RELAÇÕES COM OS OUTROS HOMENS

Os que buscam a aprovação dos outros homens mostram com isso sua fraqueza. E essa aprovação que buscam, como a obteriam eles, se a buscando mostram suficientemente que não a merecem?

***

Todos os homens procuram espontaneamente o bem. E basta que você seja bom para ser procurado.

Mas dessa bondade você mesmo não deve pensar em retirar nada, o que bastaria para aniquilá-la. Ser procurado não pode ser senão um dom que se faz de si e não um benefício de que se procura desfrutar.

Versos áureos

Não provocar a discórdia, mas antes fugir dela cedendo.

***

Não se trata de louvar a unidade espiritual por palavras, mas de praticá-la por atos sem falar dela, e até sem ter dela uma consciência demasiado viva.

***

Jamais se rebaixar a procurar por nenhum meio exterior a estima daqueles de que estamos certos de permanecer separados e que são para nós estranhos ou inimigos.

***

Nas relações com os homens é preciso ser reservado e estar sempre pronto, esperar a ocasião e não a deixar passar, pois há um momento justo para dizer e para fazer, para perguntar e para responder, que não se reencontra, e, tal como imediatamente antes ou imediatamente depois, o possível se torna impossível e o mesmo que criava a comunicação cria uma barreira.

E para reconhecer esse momento precisa-se de muita atenção e delicadeza, e de muita generosidade e entrega para extrair dele tudo o que ele permite. Por falta de uma palavra, de um olhar bastante pronto de um consentimento bastante simples, quantos recursos espirituais são comprometidos e aniquilados!

***

Nunca dar os primeiros passos, mas desconfiar também dos que são dados com relação a nós, surpreender o ponto de abertura em que a comunicação silenciosa se produz antes do que se queria.

***

Nunca voltar os olhos para a glória ou a influência ou o poder, temê-los mais que os desprezar e não se prestar a eles senão por essa espécie de obrigação que se sente quando o amor-próprio está do outro lado. O que é raro nos melhores.

Não sofrer por ser ignorado, ou incompreendido, ou traído. A sabedoria não permite que nos indignemos com isso. Ela exige uma indiferença cheia de serenidade e de luz.

***

É preciso evitar contradizer os outros, mas deve-se receber com doçura suas contradições.

***

Nunca provocar a discórdia e preferir evitá-la cedendo.

***

É preciso olhar para os homens a quem se fala quando se lhes fala – o que é mais raro do que se pode pensar – a fim de vê-los e de ver o que se passa neles (mostrando-lhes também o que se passa em nós, em vez de ocultá-lo). O olhar é feito para que duas consciências se tornem transparentes uma para a outra.

***

É preciso nunca ter o olhar dirigido para o objeto, mas para o homem, e para o homem interior, e interessar-se não pelo saber, mas pelo significado.

***

É preciso viver como os outros homens e passar despercebido de tal modo, porém, que seja nossa vida mais oculta a que se mostra e de tal maneira que os outros revelem a sua sem pensar nisso, e a traduzam por seu turno pelos gestos mais simples e mais naturais.

***

É sinal de força não levar em nenhuma conta a opinião nem a maneira como se possa ser julgado e permanecer só com Deus numa incessante comunicação. É importante nunca travar relação com os outros homens senão por meio de Deus e nunca com Deus por meio dos outros homens.

***

Nunca comunicar um pensamento de que não se tomou posse de todo (ou somente como uma sugestão e um apelo a outro que lhe empresta a força de que dispõe, em vez de aproveitar para aniquilá-lo).

13

BASTAR-SE

Fé

O difícil é ter confiança na presença constante da graça. No entanto, é essa confiança que a faz nascer.

Ela não se manifesta sempre sob a forma de uma inspiração súbita em relação com a ocasião em que me é oferecida. Mas há uma graça superior aos acontecimentos e que transparece até nas ações fracassadas.

***

A verdade que convém a cada um de nós, e que é proporcionada a suas necessidades e às condições em que ele se encontra, é-lhe sempre revelada, desde que ele seja dócil e atento.

Mas os homens têm demasiado amor-próprio para vê-la e se contentar com ela. Eles preferem as engenhosas construções de seu entendimento a esses toques simples e luminosos que se dedicam a apagar e a obscurecer.

Só dependeria de nós, se soubéssemos, quando elas se oferecem, reconhecê-las e recolhê-las, que a vida de nossa

inteligência fosse sempre repleta de novidade, de desembaraço e de alegria.

Ela não seria a obra penosa e irritada de um eu que se alegra muito menos de ter encontrado a verdade do que de tê-la encontrado por seu gênio próprio e por meios que são negados a outros.

O mal é que nós instamos vãmente ao espírito quando ele está mudo e que permanecemos surdos a seu chamado quando ele nos fala.

***

A ação é meu único escudo: assim que me detenho, fico exposto a todos os golpes, de mim mesmo e de outros.

***

Buscar esse desejo contínuo cujo objeto onipresente não pode jamais nos escapar, nem mudar.

Antes, somos nós que faltamos a esse desejo, e não ele que nos falta.

14

SABER DISPOR DO PRÓPRIO ESPÍRITO

O problema é que não se faz nada sem esse ardor interior que faz tremer todas as potências de nosso espírito, sem essa serenidade indiferente que, como um espelho perfeitamente polido, espera que a imagem se apresente para refleti-la sem deformá-la, sem o método, enfim, que prepara e insta a descoberta por artifícios.

Mas essas são atitudes espirituais que se excluem quase sempre, e é necessária muita arte para não deixar extinguir-se o fogo interior e saber a tempo convertê-lo em luz para ser capaz de regulá-lo e de lhe fornecer a tempo o alimento que lhe convém.

***

Há certa constância de nosso estado interior que devemos manter e que é tal que os acontecimentos se produzem então como devido, sem que tenhamos nunca de recusá-los nem de apelar para eles.

***

É preciso manter essa calma da alma que não pode existir sem que os sentidos sejam silenciosos ou estejam

apaziguados, o que pode ser obtido facilmente desde que a imaginação não venha mesclar-se.

***

Devemos ir rápido e longe, dar sempre ao espírito todo o movimento e obrigá-lo a vencer as maiores distâncias a fim de que nos evite permanecer onde estamos e aí morrer.

***

Nunca devemos demorar a captar ou a reter. É uma idolatria da coisa. Mas a verdade reside somente num ato que precisa estar em estado de sempre ressuscitar.

Ademais, o que eu tento captar ou reter está sempre em relação com algum acontecimento que não se reproduzirá jamais. Ao passo que a potência que há em mim não se exercerá jamais sem ser suscitada pela novidade do acontecimento e para responder a ele.

***

O espírito é, com toda a razão, comparado ao fogo. Há coisas que ele deve aclarar, outras que deve esquentar, e outras, enfim, que deve consumir ou fundir.

***

O difícil é obtermos sempre contato direto com o real no instante, impedirmos que a memória, o hábito, o saber

abram um intervalo e depois interponham uma pantalha entre o real e nós.

***

Saber dispor do próprio espírito é utilizar contra os hábitos outro hábito, mais fino e mais sutil.

A experiência

Não há nada que tenhamos pensado de uma vez por todas e que seja tal que nos bastaria guardá-lo na memória e convertê-lo em regras.

Pois nada me pode dispensar de um contato imediato e sempre novo com a realidade. O que me obriga a viver o dia o dia deixando acumular-se em mim a experiência adquirida sem me preocupar nunca em me servir dela, em reencontrá-la cada vez, como se me fosse revelada pela primeira vez a mesma verdade que eu sempre reencontrei.

***

O essencial não é fortalecer a vontade, mas descobrir essa fonte de atividade em que ela extrai o que, se não lhe opusermos nenhum obstáculo, nos fornecerá sempre a potência de que temos necessidade para responder a todas as tarefas que nos são requeridas.

Em todos os nossos trabalhos particulares, sempre descemos demasiado baixo para regular o detalhe, nunca subimos bastante alto para encontrar esse impulso criador que, na unidade do mesmo ato, engendra o todo e os detalhes e no-los torna presentes na unidade do mesmo olhar.

***

Crê-se amiúde que o que importa é encontrar esse ócio perfeito em que todo trabalho é interrompido, como se o trabalho fosse uma servidão de que o ócio nos descansa; isso é fazer do próprio ócio um exercício do espírito puro cujo trabalho é um descanso.

15

Projeto de título:
UMA FACILIDADE DIFÍCIL

Não devemos envolver-nos num debate com os aspectos da criação que nos farão prisioneiros e escravos. Mas ser com o criador e como ele indiferentes e ignorantes com respeito às obras. Só então elas podem ser perfeitas.

Não devo olhar senão para o ato que estou cumprindo: seus efeitos são um espetáculo que só tem existência para os outros. Quando o ato é o que deve ser, o espetáculo também o é, mas preocupar-se antes de tudo com o espetáculo é pôr a aparência acima da essência, é, como acontece com o positivismo, com o materialismo, contentar-se com uma aparência que não é a aparência de nada.

***

Paciência

É preciso aceitar todos os males inevitáveis, e mesmo todos os males, pois de nenhum deles podemos saber com certeza que é verdadeiramente um mal.

E não há mal que não se possa desviar ou domesticar com suficiente sabedoria, confiança e doçura.

***

Não devo aferrar-me a um objeto que me é estranho ou que me ultrapassa.

Desde o momento em que minha vista começa a nublar-se, desde o momento em que sou obrigado a desdobrar minhas forças e em que minha vontade se envolve, meu espírito perde a disposição de si mesmo, a luz, a saúde, a alegria, e já não tem força para as tarefas que lhe são destinadas.

O que não quer dizer que eu deva parar diante da primeira dificuldade: pois há dificuldades que são à minha medida, que eu chamo, que eu sou o único a poder reconhecer e resolver e que são como uma prova de minha potência criadora.

Mas que essa nunca ceda a nenhum constrangimento, nem sequer o do amor-próprio, e que ela se dedique somente a discernir o que lhe convém, ou seja, a um acordo entre a proposição que o real lhe enderece e seu impulso mais natural. O que é menos fácil do que se pensa.

***

Há muitas pessoas que escarnecem da facilidade, mas que não fizeram suficiente esforço para adquiri-la.

A disciplina de cada dia

Que não haja dia em que não ponhamos a mão num trabalho que nos atribuímos e que constituirá a obra de nossa vida.

***

Que não haja dia em que não reservemos um pouco de ócio para o recolhimento puro, em que não voltemos o olhar para alguma verdade essencial que mereça ser guardada.

Que não haja dia em deixemos de capturar essas verdades que atravessam nossa consciência como relâmpagos e que são como brechas na eternidade, que pertencem ao instante, e que depende de nós fazer penetrar na duração.

***

Regra: a busca da perfeição não é nada se não for inseparável da necessidade de difundir todo o bem que se possui.

***

A razão é incapaz de se bastar. Pois ela é um domínio que exercemos sobre nossas potências desarrazoadas. São elas que nos dão força, e a razão lhes impõe esse equilíbrio que nos permite fazer bom uso delas.

O gênio do homem reside numa embriaguez dominada. Há sempre algum vinho a que os homens a pedem e que, quando a dá demasiado facilmente, não dá senão a caricatura dela. O homem adormece assim que a embriaguez o deixa. É ela que a razão espia para submetê-la à lei da ordem.

Nada começa pela razão, mas não há nada que possa passar sem ela. O homem que só é razoável é também aquele que não ama, mas a forma mais alta da razão é ser a lei do amor, essa embriaguez.

***

É importante pôr sempre em relação o possível com o real, pois de outro modo o possível não seria mais que um sonho da imaginação, e o real um dado que se imporia a mim e que eu seria incapaz de reconquistar e de espiritualizar.

***

O que caracteriza a alma não é tanto o fim a que ela visa quanto o estado em que ela se estabelece.

***

Dizemos então: para que o tempo? Mas já não há tempo, e não nos podemos queixar de que o amanhã não nos traga nada.

***

Da solidão, bom ou mau uso conforme a vontade se mescle ou não se mescle com ela.

***

Luís XIV come em público.

16

A OCASIÃO

Manter esse grande arejamento do espírito, que mantém sua liberdade não somente sempre disponível, mas sempre em exercício, que se deixa solicitar por todas as coisas que se oferecem, sem se deixar jamais levar por elas, que nem sempre se esfalfa para buscar o que a inspiração lhe recusa e que seu amor-próprio reclama, tal é a saúde da alma e até do corpo.

***

Não se deve escolher nenhum fim particular, mas saber realizar todos os que se propõem.

***

Que o olhar esteja sempre atento a esse ato puramente espiritual que funda tudo o que é e tudo o que pode ser sem se deixar nunca reter por nenhuma ação particular, por nenhum ser individual, é o único meio de dar um sentido pleno e forte a todos os acontecimentos que cada um de nós encontra em seu caminho, que ele não solicitou e com relação aos quais parecia indiferente.

***

Merece a vida espiritual as censuras que lhe fazem? Acontece, com efeito, que ela seja um devaneio complacente e egoísta que nos desvia da ação e nos dá uma espécie de melancolia voluptuosa.

Mas ela não merece ser chamada vida se não reanima sempre nossa potência criadora, se não nos dá uma alegria constantemente renovada, se não nos une mais estreitamente aos outros seres, se não nos faz encontrar, mais que toda pesquisa técnica, o que mais convém a cada situação particular.

17

REGRAS DA UNIDADE

O grande negócio é reunir todos os clarões que atravessam nosso pensamento nas diferentes horas do dia, de maneira que, em lugar de se dissiparem em seguida, eles nos permitam viver numa atmosfera de luz.

E para isso se trata muito menos de multiplicá-los que de convertê-los numa espécie de irradiação contínua em que todo movimento parece abolido.

Diga-se o mesmo de todos os movimentos particulares de boa vontade, que devem fundir-se num mesmo ato de vontade sempre presente e quase insensível e que não conhece interrupção, nem retomada.

***

Nunca servir a uma causa exterior, mas perseguir tão somente este alargamento de nossa alma do qual todos os atos que buscamos produzir não são senão meios ou efeitos.

***

Há duas maneiras de obter a unidade: a primeira, o esforço impotente pelo qual tentamos reunir do exterior

cada objeto a todos os outros numa espécie de curso infinito cujo término retrocede sempre; a segunda, pela qual o religamos do interior a um ato espiritual onipresente e penetramos num mundo que se basta a si mesmo, com o qual nós formamos uma espécie de sociedade que não difere da sociedade que formamos com nós mesmos.

Simplicidade

As grandes ideias me aparecem amiúde com uma extrema simplicidade, o que me induz a desconfiar delas. Pois essa simplicidade humilha meu amor-próprio, que já não pode atribuir a si o mérito com relação a elas. Mas isso, precisamente, é o sinal de sua verdade.

O perigo, ao descobrir ele essa simplicidade das verdades essenciais, é que renuncie a essa mesma atividade que o fez descobri-las e que se entregue a uma facilidade que as dissipe.

Não há maior dificuldade que manter essa simplicidade perfeita do olhar que o menor embate, a menor cobiça bastam para turbar. Essa simplicidade que torna todas as coisas transparentes ultrapassa em potência de penetração todos os esforços do querer.

A simplicidade, se reside numa espécie de contato ininterrupto com o real, jamais corre o risco de se tornar uma aparência que nos agrade ou num esquema construído por nós. Pensa-se amiúde que ela é efeito de uma espécie de inércia de nosso pensamento, quando é a marca de sua atividade mais delicada e mais forte.

***

A unidade e a identidade são as leis fundamentais do pensamento: o que se pode traduzir dizendo que o pensamento deve sempre se aplicar ao Todo e nunca deixar que se rompa sua continuidade quando ele passar de um objeto a outro no mesmo Todo.

***

Não há nenhum pensamento sério que não envolva o Todo e não se exprima por alguma ação.

***

É difícil abarcar o Todo por um ato de contemplação. Há uma verdade ativa, humana, viva, que possui uma perfeita simplicidade, que caminha rápido e vai direto ao objetivo, e que é mais próxima da verdade contemplativa do que todos os conhecimentos mais eruditos junto às análises mais sutis.

***

Para julgar uma filosofia, é preciso sempre pensar na ideia mais simples que se possa dar ao homem menos experiente: pois essa ideia é a raiz dela, é a ela que é preciso julgar medindo a repercussão que ela é capaz de ter em nossa existência.

18

A CONVERSÃO DO QUERER EM INTELECTO

Tudo nasce da vontade livre, mas a vontade não tem seu fim em si mesma. Ela busca converter-se numa posse, ou seja, numa luz que só a inteligência é capaz de fornecer.

O que a vontade busca é um objeto que ela não possa não querer e que seja tal que, quando descoberto, se vê perfeitamente que não pode ser outro senão ele.

Essa coincidência só se pode produzir com a condição de que o objetivo supremo de nossa vontade seja precisamente a vontade de Deus em nós.

***

Trata-se somente de compreender, e, para aquele que compreendeu, a ação já está feita.

O TEMPO

Nós sofremos por pensar que não temos ainda filosofia, mas porque não conseguimos tomar posse daquela que trazemos dentro de nós e vamos buscar outra no exterior.

Mas a filosofia é uma união tão estreita da contemplação e da ação, que ela produz seus frutos a cada instante, em vez de retardar-lhes sem cessar a maturidade.

É preciso, pois, ter uma atenção bastante desperta para que cada momento que passa seja ele mesmo pleno e suficiente, e não simplesmente um meio em função de outro momento que virá depois.

Aí está o princípio de todas as nossas infelicidades.

Cada ação vale absolutamente no tempo mesmo em que eu a empreendo; então ela toma lugar no tempo, conquanto encontre seu princípio não no tempo, mas numa fonte eterna que me dá no presente mesmo toda a força e toda a luz de que disponho.

Não há ação que não suponha uma preparação, isto é, certos meios que ela põe em funcionamento, e que não busque produzir certos resultados, ou seja, que não vise a certos fins.

Mas, no momento em que ela se cumpre, já não é escrava desses meios, nem desses fins, e compete-lhe vencê-los; ela não repete um modelo. É uma criação nova que ultrapassa todos os modelos e se torna seu próprio modelo.

***

Os homens creem que o mais difícil é transformar o intelecto em querer. Mas é o contrário o que se deveria dizer.

***

Nunca se deve visar à ação, mas à ideia, e a ação deve prosseguir sem que seja preciso querê-la.

***

Que o conhecimento jamais reproduza um saber já adquirido, nem a ação um movimento já feito.

***

Todo movimento, todo saber deve interessar a nosso futuro e parecer-nos sempre novo.

Ou antes, quando estamos verdadeiramente presentes para nós mesmos, não há nada que seja para nós novo nem velho.

Produz-se uma exata coincidência do novo e do velho: a eternidade, essa juventude de sempre.

***

Pois, se a eternidade é mais velha que as coisas mais velhas, nosso encontro com ela é um encontro sempre novo.

Só a encontramos esquecendo-a, ou seja, esquecendo os encontros que já tivemos com ela.

19

A DISCIPLINA DO DESEJO

Regras com relação a si mesmo. Regras da vocação

O nirvana é uma sabedoria prática em que o desejo é abolido.

***

A regra fundamental é para cada um de nós saber diferenciar entre o que lhe convém e o que não lhe convém.

Quase todas as nossas desditas provêm do desprezo que temos por tudo o que fazemos com naturalidade, com facilidade e com prazer, a fim de nos dedicarmos com muito esforço a algum objeto para o qual somos pouco aptos e que não temos condições de alcançar.

Mas basta que outro o obtenha e o possua porque lhe convém, para que todos os que nos são propostos e que temos ao alcance da mão sejam imediatamente abolidos.

Regra da felicidade

Todo o segredo da filosofia reside em fazer de nossa alma um bom demônio (*eu-daîmon*) que nos permita ser ao mesmo tempo bons e felizes.

Mas esse é um ideal difícil e que os homens desprezam por não desejarem mais que vantagens materiais, visíveis para todos os olhares, e cuja posse repouse sobre títulos certos e que têm a estima da opinião.

Para compreender quais são as vantagens reais que eles sacrificam e que a filosofia poderia dar-lhes, é preciso ter firmeza tanto no pensamento quanto no querer.

***

À falta de poderem dar a si mesmos a felicidade, os homens terminam por fazer da infelicidade e da desordem que os atormentam objetos de glória: mas, se eles odeiam os que deixaram de senti-las, desprezam os que como eles ainda estão submersos nelas.

Eles não recebem nenhuma consolação disso, ao passo que a felicidade dos outros é para eles uma censura de todos os instantes.

***

Parece que os acontecimentos particulares de nossa vida não estão aí senão para produzir em nossa consciência sentimentos generosos, sem data, independentes do corpo e das circunstâncias, e dos quais não fazemos senão participar.

É essa participação que é nossa própria vida, e não a sequência de detalhes de nossa história. Só amamos os outros para descobrir neles a realidade metafísica do amor.

É o que se observa em todos os clássicos. E o que Platão pensava da ideia, que era para ele a verdadeira realidade e não a coisa, há que estendê-lo ao sentimento, que também é uma essência de que os estados particulares não fazem senão se aproximar.

20

REGRAS COM RELAÇÃO AOS OUTROS HOMENS

Há um mau uso dessa mesma regra que me prescreve voltar-me para o outro e não para mim. Pois eu posso interessar-me por ele como por um objeto que me pertença, ou ainda como por outro eu mesmo.

Mas esse mesmo eu de que busco desviar-me, vou despertá-lo em outro? Vou comprazer-me nele porque ele não é o meu e pedir a este outro que faça por si isso mesmo de eu me livro?

Ou se iria parar no paradoxo de que todos os homens devem desviar-se de si mesmos para se consagrar aos outros, como se a primeira parte dessa regra não devesse levá-los a recusar o que lhes é oferecido em virtude da segunda, de modo que, nesse sacrifício do altruísmo ao egoísmo, o altruísmo criasse para aquele de que é objeto uma tentação a que ele sempre tivesse de resistir. E, nessa contradição sutil, o próprio preceito terminaria por sucumbir.

Dir-se-á que essa espécie de gratuidade nesse dom que nunca seria recebido constitui a beleza mesma dessa

perfeita generosidade que buscaria o bem do outro, sem que o outro pudesse jamais desejá-lo como a seu próprio bem? Mas, além da tentação a que eu exponho o outro, posso eu visar como a um bem o que não é um bem para ele nem para mim?

Voltar-se-á à máxima de que é preciso fazer pelo outro o que eu gostaria que se fizesse para mim mesmo? Sim, sem dúvida, mas com a condição de não nos contentarmos com essas satisfações buscadas pelo indivíduo e que não se tornam melhores quando são objeto de mútua cumplicidade.

Se o conhecimento só é possível com a condição de eu me desviar de mim mesmo para me voltar para o objeto, se a moral só é possível com a condição de eu perseguir o bem do outro e não o meu (e se se pode dizer que só por isso eu sirvo aos interesses de meu próprio eu, enriquecendo-lhe o intelecto e o querer, mas com a condição de que não se trate senão de um efeito e jamais de um fim), é com a condição de que em lugar de me deter sobre esse objeto particular, ou sobre o eu do outro, eu o considere um caminho aberto diante de mim pelo qual eu rompo a solidão de minha consciência separada e começo a assumir o conhecimento e a responsabilidade de tudo em que estou situado e de que sou indivisivelmente espectador e criador.

***

O mais difícil é aprender a se suportar e a suportar os outros. Mas essas duas regras constituem uma só.

***

Só se pode julgar a árvore por seus frutos. É uma meditação imperfeita e inacabada aquela que, fechando-se em si mesma e ciumenta de se difundir, dá à consciência essa satisfação espiritual que ainda se assemelha a uma satisfação do amor-próprio.

Sem dúvida, há que reconhecer que uma alma que ela purifica possa difundir em torno de si o benefício de sua simples presença. Mas esse benefício se produziu sempre? E há uma alegria interior e solitária que se parece com a dos iluminados e dos dementes.

Assim como a ciência provoca uma espécie de renovação da natureza material de que todos os homens se beneficiam, a santidade provoca uma renovação da alma humana que se propaga por toda a terra.

Não se há de esquecer que os homens não têm a mesma vocação, que uns têm por missão aumentar esta luz interior que esclarece a consciência de toda a humanidade, e os outros utilizar e multiplicar os recursos do universo material em proveito da vida do corpo. Mas nem uns nem os outros estão dispensados de se prestar serviços mútuos.

***

A sabedoria é reconhecida pelo sinal de ela ter causado a felicidade ao mesmo tempo em nós e em torno de nós.

Generalidades sobre as regras

Nenhuma regra é tirada da reflexão.

São todas tiradas de alguma ação que é, ela mesma, empreendida sem regra, mas cuja lembrança, residindo em nossa memória, criou pouco a pouco em nós não um hábito, mas uma potência espiritual, potência de agir que doravante está à disposição de nossa consciência.

***

Toda a dificuldade reside em descobrir em nós uma participação na potência criadora, que constitui nosso gênio próprio, e deixá-la atuar livremente.

O tempo

Alguns só pensam nas aquisições que eles quereriam eternas, em fixar ideias que eles descobriram um dia e que depois jamais perderão. Mas isso é um esforço material e que nos decepciona muito.

São coisas que se adquirem, são signos que se guardam. E quem crê ter captado por isso o ato espiritual que ele reencontrará depois, assim que o quiser, se engana.

Todo ato espiritual é um ato de participação que deve ser sempre recomeçado: é sempre idêntico e sempre novo. Adquirimos a potência de reproduzi-lo, e não há nada que nos dispense de exercê-lo, nem que lhe permita exercer-se infalivelmente.

***

Descartes viu bem que bastam algumas regras gerais muito simples que possam estar sempre presentes para o nosso espírito e que já não se distingam de sua própria atividade.

As regras particulares ao mesmo tempo embaraçam nosso espírito e o submetem, e, no entanto, como poderiam aplicar-se em todos os casos? Se as regras devem guardar sua generalidade, ao contrário, é porque não é possível, então, fazer delas fórmulas imutáveis que nos ditem a cada instante o que devemos fazer: assim que passamos à prática, é preciso devolver-lhes a flexibilidade e a vida.

E nossas regras da vida cotidiana não se destinam a traçar o contorno de nossas ações particulares até o menor

detalhe, mas a discernir ainda o funcionamento dessas poucas regras muito simples em todas as perspectivas em que a vida nos possa colocar.

21

REGRAS DA SENSIBILIDADE

Não devemos entregar-nos a cultivar a sensibilidade, pois a sensibilidade não exprime nada mais que os efeitos da atividade intelectual ou voluntária. É preciso, pois, regrá-la, e a sensibilidade sempre fará aparecer nela os efeitos que merecemos.

Regras com relação a nós mesmos

Não é necessário pensarmos sempre nem nos esfalfarmos em querer modelar nossa própria natureza. Mas só conhecemos o que não somos nós mesmos, não agimos senão fora de nós mesmos; quando nos comportamos como é preciso com relação ao exterior, é o próprio interior o que é preciso.

Mas a proposição pode ser invertida: é que ela é recíproca.

***

Não se deve levar uma vida à parte. Ela mais cega que esclarece. É produto do amor-próprio, que também aparece no desejo de se reformar e de adquirir a sabedoria.

Aquele que se refugia na solidão e que teme que o contato com os outros homens o distraia exibe uma singular fraqueza. É no meio dos homens que é preciso saber guardar a solidão e evitar a distração. Assim que cessa de nos distrair, sua sociedade começa a nos alimentar.

Contra

Devemos abster-nos de toda crítica e procurar descobrir em tudo o que encontramos, em tudo o que vemos e em tudo o que lemos, não essa parte de fraqueza de que pensamos que ela nos isenta, mas essa parte de realidade que nos alimenta.

Regras com relação a nós mesmos

Não devemos forçar nosso espírito; mais vale que ele seja apto para menos coisas. Devemos preferir a ignorância a uma ciência demasiado laboriosa. O que eu não compreendo nas obras dos outros é o que não encontra em mim nenhum eco, ou apenas ecos muito obscuros.

***

O importante é exercer apenas minhas faculdades mais pessoais, aquelas que me dão mais alegria, cujo

funcionamento é o mais eficaz, sem me esforçar por despertar as que me faltam, que me custam muito esforço e produzem pouco fruto.

Esse aparente hedonismo é também um ascetismo em que eu me encerro em meu próprio horizonte renunciando a muitas satisfações de um amor-próprio sempre ávido de se igualar ao universo.

***

O difícil é descobrirmos nossa vocação, o que sempre supõe uma ocasião de que não se pode dizer se a encontramos ou se a convocamos. Mas, uma vez descoberta, o difícil é que a cumpramos sem deixar que se imponha pela diversão, pelo gosto da imitação. Aqui as regras de comportamento, por seu caráter universal, criam um imenso perigo.

Todos os homens sentem em si uma vocação, mas eles sofrem por lhe serem infiéis: é que o amor-próprio e a vocação se combatem, em vez de se apoiarem. Pois o amor-próprio nos propõe sempre um objetivo aparente e estimado por todos, que cria entre os indivíduos uma oposição e uma luta por alcançá-lo, ali onde a diversidade de suas vocações bastaria para reconciliá-lo e uni-los.

Se se quiser que todos os homens sejam semelhantes e persigam o mesmo fim, eles não cessarão de se ferir e de se

odiar entre si, mas, se eles são todos diferentes e tiverem todos tarefas particulares, então cada um deles será para todos os outros uma revelação e um apoio.

Regras da inspiração

Devemos deixar tudo e de modo algum sujeitar nosso espírito inutilmente quando ele mesmo não seja impulsionado por nenhum movimento, quando ele não sinta nenhuma emoção, nenhuma sacudidela, ou nenhuma claridade que o ilumine.

A vontade só tem poder para vencer as resistências da matéria: ela nada pode quando o espírito está mudo, e, quando ele fala, basta que lhe seja dócil. Ela não é da mesma raça. Ela arruína tudo se pensa que é ela que dá ao espírito o movimento. Basta-lhe estar atenta a seus primeiros toques: então ela só tem de ceder.

Esse ponto em que a vontade sente que ela já não tem senão de ceder é o que devemos buscar, o único em que o indivíduo pode ultrapassar a si mesmo, receber a verdade, a força e a felicidade.

A vontade é o espírito prisioneiro da matéria e que busca livrar-se dela.

***

Sempre se imagina que os que pedem que se espere a inspiração pregam inutilmente para os que a têm e são inúteis para os que não a têm. E eles são censurados também por desonrar a consciência com um excesso de facilidade em que o eu se encontra aniquilado numa situação em que ele só tem a receber e a esperar.

Mas essa defesa do eu é, ela mesma, uma defesa do amor-próprio. Há, sem dúvida, mais dificuldade para receber do que para agir. Ou antes, aquela é também uma espécie de ação, que supõe uma arte mais sutil.

É frequentemente mais difícil receber um dom material e sensível do que dá-lo. Que dizer de um dom espiritual? Recebê-lo é fazê-lo seu, é elevar-se a seu nível, e aquele que desdenha recebê-lo não é, mais frequentemente, capaz dele.

Mas o difícil, sobretudo, é estarmos pronto para receber, é termos realizado essa purificação, esse desprendimento com relação a todos as afeições particulares, é fazermos calar nossa vontade própria em lugar de estendê-la, é criarmos em nós esse vazio interior em que o mundo possa ser recebido.

Tal é esta facilidade difícil que resiste a todos os esforços, e que não somente em seu exercício, mas desde o seu próprio nascimento, se assemelha a uma graça mas

supõe uma disposição desinteressada e acolhedora de nossa alma, um consentimento complacente, uma indiferença por nós mesmos, uma abertura atenta e amadora, ou seja, a atividade mais secreta de nosso eu em seu funcionamento mais profundo e mais delicado.

NOTA BIOGRÁFICA

Louis Lavelle nasceu em 15 de julho de 1883 em Saint-Martin de Villeréal (Lot-et-Garonne) e morreu em Parranquet, perto de seu povoado natal, em 1º de setembro de 1951. Seu pai era professor primário e sua mãe possuía uma pequena fazenda. Os pensadores dessa região – Montaigne, Fénelon, Maine de Biran – permaneceram toda a vida particularmente caros a ele. Ele deixa o Périgord com os pais com a idade de sete anos e prossegue seus estudos em Amiens e Saint-Étienne.

Bolsista da Faculdade de Lyon, entusiasma-se com o pensamento de Nietzsche, participa de manifestações libertárias, mas assiste a muito poucas matérias. Após diversas suplências em Laon – período durante o qual teve oportunidade de assistir, em Paris, a vários cursos de Brunschvicg e de Bergson – e em Neufchâteau, ele é *agrégé* em 1909 e nomeado em Vendôme, e depois em Limoges. De seu casamento em 1913 nasce primeiro um menino, em 1914, e depois três meninas.

Quando soa a hora da mobilização, Louis Lavelle, reformado e posto à disposição do prefeito de Limoges, consegue ir para o *front*. Enviado a Somme em setembro de 1915, e depois a Verdun em fevereiro de 1916, é feito

prisioneiro em 11 de março e passa os últimos anos da guerra no campo de Giessen. Em cinco cadernetas compradas na cantina do campo, ele escreve o que se tornará sua tese de doutorado (defendida em Paris em 1922): *La Dialectique du Monde Sensible*.

Nomeado professor num liceu de Strasbourg após a guerra, desempenha um papel muito ativo nas organizações sindicais de professores da Alsácia-Lorena. É também nessa época que se diagnostica em seu filho a doença óssea que o matará em 1952, cinco meses após a morte de seu pai. De 1924 a 1940, Louis Lavelle ensina em Paris em diferentes liceus e cursos particulares. É dele a coluna de filosofia do jornal *Le Temps*, e ele codirige em Aubier, com o amigo René Le Senne, a coleção "Philosophie de l'Esprit". Nesses mesmos anos são publicados seus primeiros grandes livros: *De l'Être* (1928), *La Conscience de Soi* (1933), *La Présence Totale* (1934), *De l'Acte* (1937), *L'Erreur de Narcisse* (1939).[1]

Em 1940, o armistício o encontra em Bordeaux, onde, após uma breve passagem pelo Ministério da Instrução Pública, é nomeado inspetor geral no início de 1941 e escolhido para a cadeira de filosofia do Collège de France em outubro seguinte.

[1] Estes livros serão publicados pela Editora É. (N. E.)

Numerosas obras aparecem após a guerra, enquanto se multiplicam as conferências no estrangeiro. Mas, paralelamente às graves preocupações causadas pelo estado de seu filho, sua saúde pessoal se altera muito rapidamente. No ano mesmo de sua morte, em 1951, são publicadas três de suas principais obras: *De l'Âme Humaine*, *Le Traité des Valeurs* e *Quatre Saints*.

NOTA DA EDITORA FRANCESA SOBRE O PRESENTE TEXTO

O texto destas *Regras da Vida Cotidiana* foi encontrado entre os papéis pessoais de Louis Lavelle após sua morte. Foi publicado aqui pela primeira vez graças à sua filha Marie Lavelle, que no-lo comunicou e nos deu autorização para publicá-lo.

O manuscrito deste texto é conservado na biblioteca do Collège de France com o conjunto dos arquivos de Louis Lavelle.

Temos de agradecer à Association Louis Lavelle, e muito especialmente a seu presidente, Jean-Louis Vieillard-Baron, bem como a Jean Mambrino, a ajuda que nos deram na realização desta obra.

Preciosas informações biográficas nos foram fornecidas pela introdução escrita por M. e C. Lavelle para a primeira edição dos *Carnets de Guerre 1915-1918*, de Louis Lavelle (Québec, Éditions du Beffroi, e Paris, Éditions des Belles Lettres, 1985).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lavelle, Louis, 1883-1951
Regras da vida cotidiana / Louis Lavelle; prefácio de Jean-Louis Vieillard-Baron ; tradução Carlos Nougué. – São Paulo : É Realizações, 2011.

Título original: Règles de la vie quotidienne.
ISBN 978-85-8033-022-9

1. Consciência de si 2. Reflexões 3. Religião - Filosofia I. Vieillard-Baron, Jean-Louis. II. Título.

11-05839 CDD-194.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Regras da vida quotidiana : Filosofia francesa 194.1

Este livro foi impresso pela Cromosete Gráfica e Editora para É Realizações, em junho de 2011. Os tipos usados são da família Adobe Garamond Pro e KarabinE. O papel do miolo é pólen bold 90g, e o da capa, supremo 300g.

a vários cursos de Brunschvicg e de Bergson – e em Neufchâteau, ele é *agrégé* em 1909 e nomeado em Vendôme, e depois em Limoges. De seu casamento em 1913 nasce primeiro um menino, em 1914, e depois três meninas.

Quando soa a hora da mobilização, Louis Lavelle, reformado e posto à disposição do prefeito de Limoges, consegue ir para o *front*. Enviado a Somme em setembro de 1915, e depois a Verdun em fevereiro de 1916, é feito prisioneiro em 11 de março e passa os últimos anos da guerra no campo de Giessen. Em cinco cadernetas compradas na cantina do campo, ele escreve o que se tornará sua tese de doutorado (defendida em Paris em 1922): *La Dialectique du Monde Sensible.*

Nomeado professor num liceu de Strasbourg após a guerra, desempenha um papel muito ativo nas organizações sindicais de professores da Alsácia-Lorena. É também nessa época que se diagnostica em seu filho a doença óssea que o matará em 1952, cinco meses após a morte de seu pai. De 1924 a 1940, Louis Lavelle ensina em Paris em diferentes liceus e cursos particulares. É dele a coluna de filosofia do jornal *Le Temps*, e ele codirige em Aubier, com o amigo René Le Senne, a coleção "Philosophie de l'Esprit". Nesses mesmos anos são publicados seus primeiros grandes livros: *De l'Être* (1928), *La Conscience de Soi* (1933), *La Présence Totale* (1934), *De l'Acte* (1937), *L'Erreur de Narcisse* (1939).

Em 1940, o armistício o encontra em Bordeaux, onde, após uma breve passagem pelo Ministério da Instrução Pública, é nomeado inspetor-geral no início de 1941 e escolhido para a cadeira de filosofia do Collège de France em outubro seguinte.

Numerosas obras aparecem após a guerra, enquanto se multiplicam as conferências no estrangeiro. Mas, paralelamente às graves preocupações causadas pelo estado de seu filho, sua saúde pessoal se altera muito rapidamente. No ano mesmo de sua morte, em 1951, são publicadas três de suas principais obras: *De l'Âme Humaine*, *Le Traité des Valeurs* e *Quatre Saints.*

regras da vida cotidiana

LOUIS LAVELLE

A atualidade e a originalidade da obra de Louis Lavelle encerram-se em duas palavras: espiritualidade filosófica.

Não se trata de uma espiritualidade religiosa, como a que caracteriza os grandes santos. Poder-se-ia dizer que o único predecessor de Lavelle é Nicolas Malebranche (1638-1715), contemporâneo de Luís XIV; e Lavelle reconheceu sua dívida para com esse filósofo. É preciso destacar ainda que Malebranche visa expressamente reconciliar a fé cristã e a *démarche* racional, enquanto Lavelle não é um filósofo explicitamente religioso, embora o cristianismo esteja muito amiúde presente como pano de fundo de seu pensamento.

Mas, precisamente, a atualidade de Lavelle decorre de ele propor ao homem de hoje em busca de alimentos para a alma uma espiritualidade que não supõe nenhuma fé religiosa, nenhum envolvimento particular em determinada confissão. Essa espiritualidade filosófica, que já era a de Platão, foi renovada por Lavelle, e as *Regras da Vida Cotidiana*, que ele havia escrito para seu próprio uso como um "livro de razão", são disso um maravilhoso testemunho.

ISBN 978-85-8033-022-9

9 788580 330229